

NAS TRILHAS DOS CAMPOS DOS TABAJARAS: BOTÂNICA E LITERATURA

Tabajaras fields: Botany and Literature

ALMEIDA, Maria da Conceição¹; OLIVEIRA, Ana Claudia Pereira de²; SARTORI, Renata Coelho³.

Resumo

Este artigo discute a relação entre a botânica e literatura no romance indianista *Iracema: lenda do Ceará*, escrito em 1865 por José de Alencar. Trata-se de um romance ambientado no século XVI no Ceará. Neste contexto, apresenta uma coleta etnopoética realizada na Chapada de Ibiapaba – Ceará, com o objetivo de compreender mito e ciência - um novo romance, uma nova aliança.

Abstract

This article discusses the relationship between botany and literature in the novel indianist *Iracema: legend of Ceará*, written in 1865 by José de Alencar. It is a novel set in the sixteenth century in Ceará. In this context, presents a collection ethnopoetic, this collection was done in Chapada Ibiapaba - Ceará, with the goal of understanding science and myth - a new novel, a new alliance.

Palavras-chave: Literatura; Botânica; Romance indianista.

Keywords: Literature; Botany; Indian novelist.

Data de submissão: Março de 2012 | **Data de publicação:** Junho de 2012.

¹ Antropóloga; professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal-Brasil. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM/Natal-Brasil.

² Bióloga; mestre pelo Prodepa - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal-Brasil. Pesquisadora do Centro de Biociências, Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia, UFRN.

³ Jornalista; mestre em Ecologia Aplicada - ESALQ/USP-Brasil; Doutoranda em Ciências Sociais/UFRN. Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM/Natal-Brasil. Bolsista CAPES PDEE-Universidade de Salamanca/España. Capes Foundation, Ministry of Education of Brazil, Caixa Postal 250, Brasília – DF 70040-020, Brazil. Correio electrónico: resartori@ibest.com.br

INTRODUÇÃO

A relação homem-planta não é nova, pelo contrário, é tão antiga quanto a própria existência humana na Terra, suas experiências com as espécies foram registradas após alguns homens testarem com animais, outros esfregado na pele, cheirado, mordido, comido, extraindo seus óleos, raízes, frutos, folhas e sementes.

A prática do uso de plantas também se faz presente na medicina popular, a fitoterapia caminha na trilha aberta pelos mitos populares pertencentes à cultura dos povos egípcios, africanos, indígenas, ambos conhecedores da flora medicinal, dos segredos das plantas, raízes e folhas sob forma de chás, infusões, defumadores entre outros, aplicados em rituais para cura.

Segundo Nepomuceno (2004, p.50), o chamado Continente Africano “é o fantástico berço de muitas plantas e animais e dos primeiros homens, onde deuses vivem nas folhagens, pedras, árvores, águas e disfarçados de bichos”. Foram dos mestres de feiticeiros e xamãs, conhecedores dos segredos da mais humilde erva à mais frondosa árvore, que surgiram as especiarias e as surpreendentes formas de uso.

Para Diegues (2000, p. 91), “nas representações simbólicas das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza”, que se manifesta tanto no campo das atividades do fazer, do conhecer e das técnicas patrimoniais, quanto no campo simbólico. Essa simbiose é bem nítida nas sociedades indígenas brasileiras, como se pode observar o fator tempo – o tempo para pescar, caçar e plantar é determinado por mitos ancestrais, relacionados, por exemplo, ao aparecimento de constelações estelares no céu.

Assim, os estudos sobre plantas podem estar inseridos em contextos complexos, englobando vários campos de saberes, que vão, de muitas formas, moldá-los, de modo que muitas peculiaridades não podem ser entendidas se não levar em consideração fatores sociais, culturais, históricos entre outros.

Para Araújo (1985), foram os índios que nos transmitiram os preceitos religiosos e mágicos da cura pela defumação, utilizando-se de cachimbos com plantas alucinógenas para que o pajé contemple Tupã, a fim de buscar o segredo de cura do doente. Tanto o médico naturalista Von Martius, como o antropólogo Lévi-Strauss, deixaram relatos importantes sobre a utilização da flora brasileira que serviram e continuam servindo de elementos de referência e de consulta para pesquisadores de diversas áreas, incluindo a literatura.

Von Martius, autor do primeiro tratado sobre a flora do Brasil, composto por cinco volumes - *A flora brasileira* se configura como um referencial para José de Alencar ao retratar sobre a flora no romance indianista *Iracema*. Von Martius (1979) através de suas viagens pelo Brasil, no período de 1817 a 1820, ficou conhecido como o primeiro etnógrafo que estudou cientificamente os nossos índios, descrevendo e investigando-lhes o organismo, as doenças, a medicina, a psicologia, o uso de plantas medicinais, e o primeiro a classificá-las, seus estudos servem de marco inicial à etnografia científica brasileira e alguns o chamam de “pai da Etnologia brasileira”.

No período de 1959 a 1961 ocorreu uma expedição científica pelo Ceará, chefiada pelo botânico Freire Alemão, a seu pedido um antigo morador, Sr. Antônio Marques Assunção, escreve um manuscrito inédito, *Termo de Viçosa*, a partir das suas observações feitas durante os rituais indígenas, bem como a dedicação destes na fabricação de uma bebida utilizada nos rituais e conhecida como o vinho da mandioca, cauhin. Estes rituais ocorreram em Vila Viçosa Real – Ceará, local que inspirou Alencar em descrevê-lo como um dos locais percorridos pelos personagens da obra *Iracema*. Para melhor elaboração do manuscrito, o Sr. Assunção utilizou como referencial teórico a *Seção Etnográfica e narrativa de viagem*, documento resultante da Comissão Científica de Exploração do norte do país, cujo dirigente era Gonçalves Dias, considerado um dos mais importantes romancistas da literatura brasileira, exercendo a função dentre os índios, inclusive de etnólogo relatando em suas obras fatos históricos e a vida dos índios, apresentado-os como “o bom selvagem” (MAIA, 2010).

Neste cenário, a literatura assume uma gama de saberes: “todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe algo das coisas” (BARTHES, 1972, p.19).

A compreensão do que lemos ativa nossa imaginação, nossa memória, criando e guardando passagens e etnopaisagem de inúmeros personagens, tempos e lugares (re) significando experiências, imergindo dos nossos sentidos as mais diversas emoções, as tantas memórias que ultrapassam o que é do acúmulo, está “longe de ser o relicário ou a lata de lixo do passado” (CERTEAU, 2000, p.163). A memória do leitor está a serviço do devir e do advir - se desloca no tempo num trânsito de mão dupla, de idas e vindas, vindas e idas, assim as leituras de textos literários auxiliam na compreensão desse universo.

OBJETIVOS

Este artigo discute a relação entre botânica e literatura no romance indianista *Iracema: lenda do Ceará*, escrito em 1865 por José de Alencar. O que se pretende mostrar a partir deste artigo, é a ocorrência de uma proposta de interpretação de leitura pelo prisma de uma visão contextualizada, uma vez que a natureza não está dissociada da história da humanidade e muito menos das manifestações culturais que a cerca. Neste contexto, o artigo apresenta um estudo sobre a flora descrita em um dos cenários da obra, Chapada de Ibiapaba – Ceará/Brasil, também conhecida nos pólos turísticos como Serra Grande.

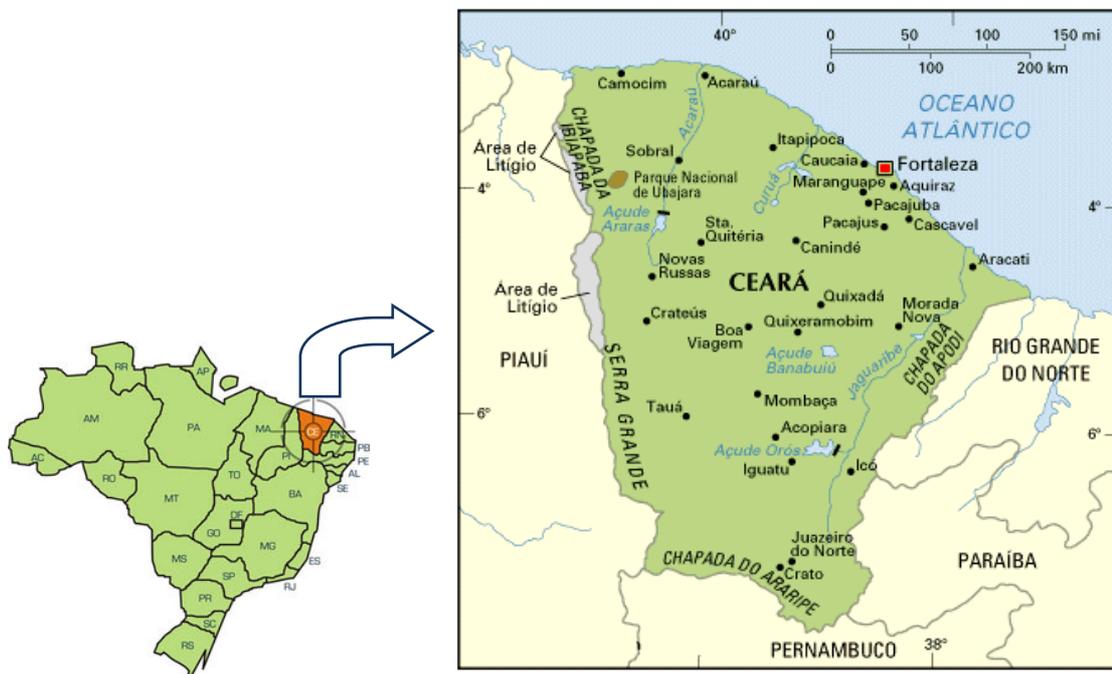
A METODOLOGIA DA PESQUISA

Local de estudo

A Chapada da Ibiapaba está localizada a 320 km de Fortaleza capital do estado do Ceará, se estendendo aos limites ocidentais do estado na fronteira que separa os estados do Ceará do Piauí e possui uma extensão de 110 km com altitudes que variam de 800 a 1.100 m. A vegetação predominante é a Caatinga, mas outros três tipos vegetacionais são encontrados na região: a Floresta Subperenifólia Tropical Plúvio-Nebular (Mata Úmida, Serrana), a Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial (Mata Seca) e o Carrasco – caatinga, cerrado e mata seca (FIGUEIREDO, 1997).

No decorrer do mês de abril de 2011 foi realizada uma excursão de campo para a realização da coleta das espécies vegetais, descritas na obra literária *Iracema*. A excursão de coleta foi realizada em fragmentos de matas e em áreas de cachoeira da Chapada de Ibiapaba nos municípios de Ipu e Ibiapina. Os nomes Ipu e Ibiapina vem do tupi. Ipu significa: *ig* – água, e *pu* - queda; Ibiapina *terra pelada*, através da junção dos termos *yby* - terra e *apin* - rapado, pelado (NAVARRO, 2005).

O território do município de Ipu se estende em 25% sobre a serra da Ibiapaba e 75%, ao longo do rico vale do riacho Ipuçaba - no sopé da serra, prolongando-se pelo sertão. Neste local ficam *os campos do Ipu*, aonde teria nascido a índia tabajara Iracema, célebre personagem do romance de José de Alencar. Também em Ipu destaca-se a Bica de Ipu, formada por quedas das águas que vem da serra, constando como cenário do romance - local que Iracema tomava banho e no qual encontrou Martim Soares Moreno, soldado português. Já Ibiapina está localizada no centro da Serra de Ibiapaba, cujo município é dividido em quatro distritos: Ibiapina, Alto Lindo, Betânia e Santo Antônio da Pindoba.



Localização do Estado do Ceará/Brasil⁴

Não se pode deixar de citar que o acesso aos locais da coleta se deu através de um mapa que foi elaborado tendo como referenciais - o mapa do Ceará e um roteiro planejado a partir da leitura do romance, ou seja, os caminhos e trilhas percorridos por Iracema, além da importância das próprias anotações que foram feitas em agendas, cadernos, papéis soltos, fotos e filmagens sobre o que ocorria durante o transcurso, como conversas com os habitantes do entorno dos respectivos locais. Importância não só para avivarmos nossa memória numa tentativa de recomposição das paisagens do romance, unindo fatos, geográficos, históricos, botânicos, mas principalmente para (re) descobrirmos as descobertas que íamos fazendo, suscitando outras reflexões e seus significados ao longo da excursão. Essas práticas remetem ao pensamento de Alencar (1956, p.127) - “O caminho no estado selvagem não existe; não é coisa de saber. Faz-se na certa direção, àquele que o tem e o dá, é realmente senhor do caminho”.

A criação literária se revela como instância complexa, repleta de variadas significações como ressalta Cândido (2006, pp.13-14) que para compreensão de uma obra só é

⁴ Mapa do Ceará http://www.google.pt/imgres?q=mapa+estado+do+ceara%C3%A1+Brasil&hl=pt-PT&biw=1376&bih=690&gbv=2&tbm=isch&tbnid=W5gTdmGOZHfMaM:&imgrefurl=http://www.guianet.com.br/ce/mapace.htm&docid=RQ4uIBmZlQHmtM&imgurl=http://www.guianet.com.br/ce/mapace.gif&w=412&h=413&ei=pwb3ToHJE4PV8gOj5_2ZAQ&zoom=1&iact=hc&vpx=186&vpy=145&dur=3478&hovh=225&hovw=224&tx=119&ty=104&sig=116923313356577671994&page=1&tbnh=160&tbnw=160&start=0&ndsp=20&ved=1t:429,r:0,s:0. Acesso em: 15/10/2011.

possível “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que o velho ponto de vista que explica fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento de estrutura, tornando-se, portanto, interno”.

Entretanto, é importante ressaltar que este artigo apresenta apenas um dos diversos locais - Chapada de Ibiapaba que provém do tupi e significa *lugar de terras altas*, que compõem a diversificada paisagem descrita no romance legada pelos índios tabajaras denominados por Alencar como *os senhores do caminho*, em tupi – *os senhores da aldeia*.

Planejamento da amostragem

A amostragem de material botânico reprodutivo e/ou vegetativo foi realizada através de caminhadas aleatórias nos fragmentos vegetais que possuíam indicações da localização no respectivo romance. No campo, foram anotados dados referentes à localização da espécie, hábito, altura (no caso de arbóreas, estimados usando-se como comparação a vara de coleta de tamanho conhecido), presença de látex e cor das flores e/ou frutos. Cada local de coleta foi devidamente georeferenciado utilizando um *GPS (Global System Positioning)*.

A coleta de material botânico foi feita usando as técnicas usuais para coleta de material em campo. As amostras foram herborizadas conforme os procedimentos usuais em trabalhos de levantamentos florísticos (MORI *et al.* 1989) e identificadas com o auxílio de especialistas, chaves de identificações e/ou por comparação com coleções dos Herbários Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/Natal-Brasil. Ressalta-se que toda a coleção foi depositada no Herbário da UFRN.

Os espécimes foram agrupados em famílias de acordo com o sistema APG III (2009). Os autores das espécies foram confirmados nas bases de dados disponíveis na internet (Missouri Botanical Garden, 2008) e com o apoio do aplicativo Plantminer 2010 (CARVALHO *et al.*, 2010).

RESULTADOS

A coleta etnopoética

Na “floresta” de *Iracema* é possível realizar uma coleta etnopoética, pois o romance contempla especificidades culturais indígenas, um universo de símbolos, bem como propicia trilharmos por caminhos comuns entre literatura e botânica.

A etnopoética pode, de fato, permitir representações artísticas, incluindo símbolos, mitos, cultos, [...] a palavra ‘etnopoética’ aparece espontaneamente com base em termos usados anteriormente como etno-história, etnomusicologia, etnofarmacologia, e outros. Ela se refere a uma redefinição de poesia em termos das especificidades culturais, com ênfase nas tradições ‘pagãs’, ‘tribais’ [...] A etnopoética já existe há milênios [...] é a poesia da experimentação do potencial humano em todos os tempos e lugares (ROTHENBERG apud SANTOS, 2007, pp. 82-84).

Acredita-se que na floresta há o despertar da imaginação e a riqueza da diversidade de elementos a serem observados e desvelados pela ciência. “Desde o início, as bordas das florestas demarcaram o mundo dos homens, impuseram os limites de um universo tenebroso onde eles se perdem [...] e onde dão livre curso à sua imaginação” (BALANDIER, 1999, p. 122). Para Balandier (1999), é no Romantismo que volta a “habitação” da floresta, o “habitar” a natureza, a ser menos preocupado em conhecê-la para possuí-la e dela retirar o poder. A partir de alguns fragmentos de *Iracema*, nota-se o habitar relacionado à sobrevivência, o pajé do fumo extraído da planta, como das folhas da jurema, em transe e baforadas recebe em sonhos e invocação seus deuses como Tupã, o qual lhe confere poderes mágicos de cura, e Iracema prepara com a jurema o licor entorpecente ingerido pelos indígenas. Essas práticas pelo torpor, ainda continuam presentes na medicina popular como dos cantimbós, que receberam influências da medicina indígena.

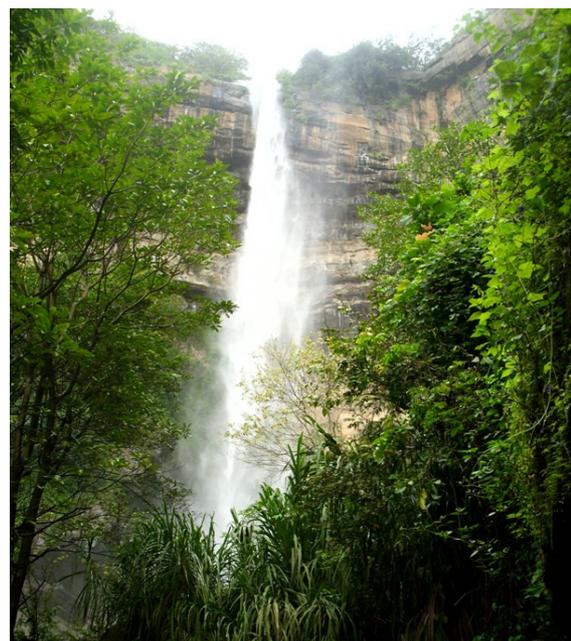
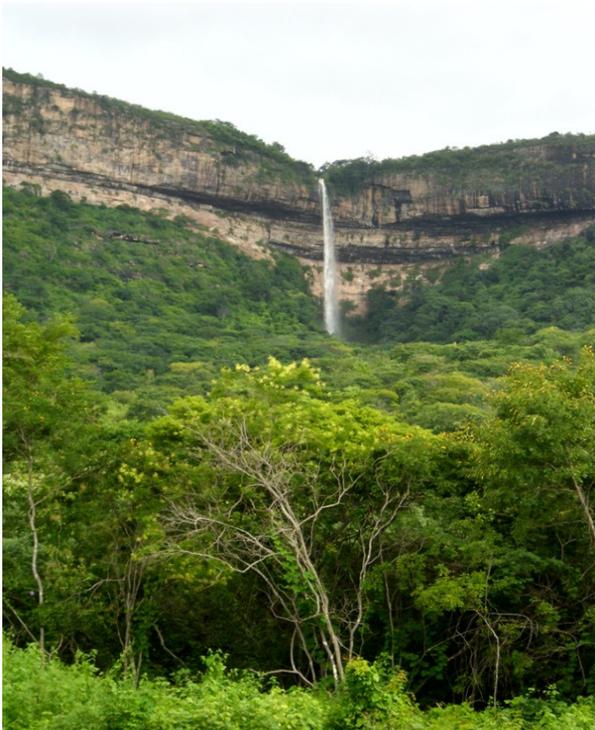
Neste aspecto, outra contribuição importante, conforme visto anteriormente são os estudos de Lévi-Strauss, este considerado como um dos iniciadores da área da Etnobiologia. Strauss defende a idéia de que as espécies animais e vegetais são úteis e interessantes porque são primeiramente conhecidas. Além disso, o autor acredita que os conhecimentos tão detalhados de tantas culturas não se devem só a utilidade prática, mas também para questões de sobrevivência, o “pensamento selvagem” diferencia-se do científico por ser analógico, um se aproxima da bricolagem e poesia, o outro da lógica de contradições.

Na Chapada de Ibiapaba foram coletadas dez espécies vegetais, a saber: oiticica, *Licania rigida* Benth. (Chrysobalanaceae); craúta ou gravatá, *Bromelia pinguim* L.

(Bromeliaceae); ananás, *Ananas comosus* (L.) Merrill (Bromeliaceae); caju, *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae); juazeiro, *Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae); carnaúba, *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Arecaceae); jurema-branca, *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (Fabaceae); benjoim, *Styrax paralleloneurus* Perkins (Styracaceae); ubaia, *Eugenia pyriformis* Cambess. (Myrtaceae) e jatobá, *Hymenaea courbaril* L. (Fabaceae).



A oiticica faz parte da paisagem da respectiva Chapada, esta considerada pela nação tabajara como um presente de Tupã, local aonde nasceu Iracema, “[...] a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da nação tabajara [...] banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica” (ALENCAR, 1956, p.13).



Da craúta, espécie de bromélia vulgar, se extrai o linho, no romance é no uru, cesto feito de palha matizada que a índia traz “os alvos fios de craúta, as agulhas de juçara com que tece a renda [...]” (IBIDEM, p. 13).

O ananás é utilizado como alimento, assim como os frutos do cajueiro, estes também servem para fabricação de vinho, e parte da crença que é uma bebida para fortalecer o guerreiro, mas tomada em excesso abate a coragem do herói, além de ser uma planta também usada pelos guerreiros como esconderijo, e é através da sua floração que os índios se situam no tempo.

A nação tupi faz do caju um de seus mais completos e importantes alimentos, pois os índios tupis como habitantes autóctones do nordeste do Brasil, conheciam muito bem o caju, logo seu próprio nome é originário dos indígenas, a palavra acaiu, de origem tupi significa *noz que se produz*. No romance há um ritual em que os tabajaras entoam à Jaci (lua) um canto que menciona a fruta: “Veio do céu a esposa do sol; já volta o rosto para ver seus filhos. Ela traz as águas que enchem os rios e a polpa do caju” (IBIDEM, p.55).

Nas sombras dos juazeiros se encontra a taba do Pajé, ou seja, a grande taba da nação tabajara se situa em um dos vales da Chapada; “e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do Pajé” (IBIDEM, p. 15). Nesta cabana há esteiras que são feitas das folhas da carnaúba, o pajé se senta na esteira e na porta da oca fuma o cachimbo, meditando os sagrados ritos de Tupã, assim como a troca da fumaça da despedida; conforme mencionado, o fumo é obtido das folhas da jurema e desta também é feito o licor, considerado a bebida sagrada de Tupã. Também são sobre as esteiras que são ofertados os restos da caça e os vinhos.



A jurema norteia o romance, a virgem índia, portadora dos segredos da mata da jurema e guardiã dos licores sagrados, estando com desejo de agradar Martim, o qual se sentia melancólico pelas saudades de sua pátria, deu a ele uma porção de licor para que sonhasse com sua terra distante, gerando um estado de êxtase no guerreiro português.

Para perfumar a rede com intuito de guardar sono calmo e doce, Iracema utiliza a resina do beijoim. A ubaia se configura como escondirijo para o sabiá do sertão “[...] mavioso cantor da tarde, escondido nas moitas êspessas da ubaia, soltava já os prelúdios da suave endecha” (IBIDEM, p. 34).

A presença do jatobá e sua simbologia se faz na paisagem contemplada em Ibiapina “aonde a serra quebrava para o sertão [...] crescia um frondoso jatobá, que afrontava as árvores do mais alto píncaro da serrania” (ibidem: 64), local aonde foi levantada a taba da nação pitiguara, visando ficar mais próxima da nação inimiga, tabajara, cujo chefe se chama Jatobá.

Os homens sempre buscaram na natureza e na reflexão de si mesmos compreender melhor o mundo em que vivem. Alencar descreve uma floresta mais rarefeita, no Nordeste brasileiro, limitando-se a áreas dentro do sertão, e mais no interior se estendendo aos leitos e cabeceiras de rios, olheiros de água, encostas e vales. Neste cenário compreende-se na obra, uma dimensão da visão do autor relacionada à preservação da natureza que se dá através dos personagens da nação tabajara, seus conhecimentos sobre a rica fauna e flora, bem como o abrigo e escondirijo diante das perseguições dos colonizadores, além de ser seus campos de caça, enfim, o respeito à floresta para a qual dependia sua sobrevivência: “[...] toda esta terra nós guardamos as serras donde manam os córregos [...]” (IBIDEM, p. 21).

A concepção do homem e suas relações com seu entorno, ou seja, sua condição humana é demonstrada “em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2003, p.40).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iracema reivindica ser um possível olhar diante da re (construção) do conhecimento, implicando em outras formas de pensar, propiciando um diálogo entre saberes, entre ciência e literatura, uma perspectiva de olhar voltado à compreensão dos homens que elas encerram, ou seja, ofertando outras possibilidades de compreensão de si, do outro e da natureza, por vias de aproximação da realidade, em suas múltiplas formas de recepção e apreensão da sociedade, uma vez que a arte, como a literatura, não tem obrigação de explicar nada, não é um discurso lógico e árido, nesse sentido, não explica nada por conceitos, ela nos traz a compreensão de certos aspectos do mundo.

Neste contexto, o discurso literário se propaga nesta mediação, assim como, por exemplo, faz a história nutrindo-se da experiência humana de uma determinada época, buscando registrá-la pela mediação da palavra. Entretanto, ressaltamos que o discurso ficcional não possui nenhum comprometimento com o real vivido, não exigindo a rigor o trabalho com a pesquisa documental, o qual compete no caso, ao historiador, mas também não significa que o discurso ficcional seja avesso ao real, pois se utiliza de outras maneiras de captar o real, em que os limites da criação e imaginação são mais amplos que aqueles permitidos pelo historiador.

Dessa forma, a criação literária revela todo um potencial como fonte para estudos em diversos campos, parafraseando o médico e biólogo Henri Atlan – os mitos são relatos abertos às diversas interpretações, um alargamento de possibilidades proporcionando outros diálogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. (1956). *Iracema*. São Paulo: Saraiva.

APG [Angiosperm Phylogeny Group] III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*. 161(2), 2009, pp.105–121.

BALANDIER, G. (1999). *O Dédalo*. Rio de Janeiro: Brutland.

BARTHES, R. (1972). *Novos ensaios críticos seguidos de o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix.

CANDIDO, A. (2006) *Literatura e sociedade* (9ª ed). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. pp.13-14.

CARVALHO G. H.; CIANCIARUSO M. V. & BATALHA M. A. (2010) Plantminer: a web tool for checking and gathering plant species taxonomic information. *Environmental Modelling & Software*, pp. 815-816.

CERTEAU, M. (2000). *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Vozes.

DIEGUES, A. C. (2000). As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H. T. (Orgs.) *Viagens à natureza* (3ª ed.). Campinas: Papirus, 2000, pp.85-102.

FIGUEIREDO, M. A. (1997). A cobertura vegetal do Ceará (Unidades Fitoecológicas). In *Atlas do Ceará*. Inplance, Fortaleza, 1997, pp.28-29.

MAIA, L. J. O. (2010). De aldeia à vila dos índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial – século XVIII. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

MOBOT. Missouri Botanical Garden, W³ Specimen – 2008. Data Base. Disponível em: <<http://www.mobot.org/plantscience/W3T/Search/vas.html>>. Acesso em: 09/01/2011.

MORI, S. A., SILVA, L. A. M., LISBOA, G., & CORADIN, L. (1989). *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. Ilhéus: Centro de Pesquisa do Cacau.

MORIN, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (8ª ed.). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

NAVARRO, E. A. (2005). *Método Moderno de Tupi Antigo* (3ª ed.). São Paulo: Global.

NEPOMUCENO, R. (2004). *Viagem ao fabuloso mundo das especiarias* (3ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.

SANTOS, M. L. (2007). *Xamanismo a palavra que cura*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas.

VON MARTIUS, K. F.P. (1979). *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)*. (2ª ed.). São Paulo: Nacional, INL/MEC, Brasileira.